

VILÉM FLUSSER, OS MODOS DE PRESENÇA E A LÍNGUA BRASILEIRA *

Rodrigo Duarte; Lara Cipriano **

Resumo: Este artigo propõe uma aproximação entre os "modos de presença nos fenômenos estéticos" (MdPs) e a filosofia de Vilém Flusser, especialmente a partir da *Fenomenologia do brasileiro*. A análise concentra-se na relação entre os MdPs e a reflexão de Flusser sobre a "língua brasileira". Inicialmente, discute-se a conexão entre os MdPs e os "códigos fundantes" de Flusser, seguida pela sua abordagem da língua brasileira. Subsequentemente, examinam-se as sínteses culturais no Brasil considerando a morfologia das línguas e sua relação com a filosofia dos media. Outros temas abordados incluem a relação entre analfabetismo e superação da história, a conexão entre a "unidimensionalidade" de Flusser e a proposta de Herbert Marcuse, bem como a "planura" dos idiomas nativos na formação da língua brasileira, além da relação entre as teses flusserianas e a antropofagia oswaldiana. Por fim, constata-se que as intuições de Flusser sobre a interferência de idiomas indígenas e africanos no português brasileiro são corroboradas pela etnolinguística, conferindo maior densidade filosófica a sua proposta.

Palavras-chave: Vilém Flusser; modos de presença nos fenômenos estéticos (MdPs); etnolinguística; pretuguês; unidimensionalidade.

VILÉM FLUSSER, MODES OF PRESENCE, AND THE BRAZILIAN LANGUAGE

Abstract: This article proposes a rapprochement between the "modes of presence in aesthetic phenomena" (MoPs) and the philosophy of Vilém Flusser, especially based on the *Phenomenology of the Brazilian*. The analysis focuses on the relationship between the MoPs and Flusser's reflection on the "Brazilian language". Initially, the connection between the MoPs and Flusser's "founding codes" is discussed, followed by his approach to the Brazilian language. Subsequently, cultural syntheses in Brazil are examined considering the morphology of languages and their relationship to media philosophy. Other topics covered include the relationship between illiteracy and overcoming history, the connection between Flusser's "one-dimensionality" and Herbert Marcuse's proposal, as well as the "flatness" of native languages in the formation of the Brazilian language, and the relationship between Flusserian theses and Oswaldian anthropophagy. Finally, Flusser's intuitions about the interference of indigenous and African languages in Brazilian Portuguese are corroborated by ethnolinguistics, giving his proposal greater philosophical density.

Keywords: Vilém Flusser; modes of presence in aesthetic phenomena (MoPs); ethnolinguistics; "pretuguês"; unidimensionality.

* Artigo recebido em 24/02/2025. Aprovado em 08/05/2025.

** Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. E-mail: rodrigoantonioduarte@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4524-3017>; Doutoranda em Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. E-mail: laracarvalhocipriano2000@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8806-4954>.

INTRODUÇÃO

Este ensaio propõe uma retomada dos "modos de presença nos fenômenos estéticos" (MdPs), agora em conexão com a filosofia de Vilém Flusser. Embora haja várias possibilidades de aproximação entre esses dois tópicos, abordamos, aqui, a possível proximidade entre os "modos de presença" (MdP) e a obra *Fenomenologia do brasileiro*, redigida no início dos anos 1970, em que Flusser discorre sobre as peculiaridades do país no qual ele buscou asilo na fuga dos nazistas, especialmente no seu capítulo dedicado à língua nele falada. O texto se divide em nove pequenas seções, sendo que, na primeira os MdPs são abordados em sua relação com o que Flusser denomina "códigos fundantes", a segunda seção enfoca especificamente a língua na *Fenomenologia do brasileiro*. Na terceira seção abordam-se as sínteses culturais ocorridas no Brasil sob o ponto de vista da morfologia das línguas e posteriormente na quarta, aproxima-se a análise da "língua brasileira" ao que veio a ser a "filosofia dos media" de Flusser. A quinta seção é um excuro sobre a conexão entre a "unidimensionalidade" segundo Flusser e a proposta homônima de Herbert Marcuse. A sexta seção enfoca o que se poderia chamar de "planura" dos idiomas "nativos" interferentes na "língua brasileira", e a sétima aponta para o fato de que esse fenômeno não constitui uma influência estrangeira (fruto de "defasagem" como se verá adiante), mas de um processo interno à cultura brasileira. Na oitava seção enfocam-se as relações entre o analfabetismo e as tendências à superação da história. Finalmente, a nona e última seção aborda algo que se encontra latente ao longo de toda a discussão feita, a saber, a relação entre as sínteses na cultura brasileira - especialmente a da língua falada no país - e a antropofagia de Oswald de Andrade, enquanto proposta de "deglutição" e digestão de elementos exógenos para a produção de conteúdos até então inexistentes.

A exemplo do que foi realizado no texto mais recente de Duarte sobre os MdPs (Duarte, 2023), apresenta-se em anexo no final deste ensaio um diagrama indicativo da relação entre os "modos de presença" e o ponto de vista flusseriano sobre a "língua brasileira".

1 MODOS DE PRESENÇA E CÓDIGOS FUNDANTES

De acordo com a proposta original dos MdPs, os fenômenos estéticos podem ser irrepresentativos (ligados à sonoridade), apresentativos (associados à visibilidade), representativos (oriundos da textualidade) ou sobre-representativos (resultantes das mais diversas composições desses modos)¹. Exemplos desse último são desde a tragédia grega até os fenômenos multimediais contemporâneos. Numa abordagem esclarecedora, Thiago Borges de Almeida (2022), destacou que, pelo menos três dos MdPs correspondem ao esquema flusseriano, no qual destacam-se as imagens tradicionais, a escrita e as tecnoimagens:

É bastante evidente a relação entre os modos de presença e os códigos fundantes, tal como desenvolvidos por Flusser. Grosso modo, pode-se dizer que à categoria da apresentação corresponde a codificação das imagens tradicionais; à representação corresponde a escrita; e à sobre-representação se associam às imagens técnicas, uma vez que elas são uma forma híbrida, uma espécie de síntese entre história e pré-história (ALMEIDA, 2022, p. 79).

Aceitando como correta e frutífera a aproximação proposta por Almeida, pretende-se avançar nesse cotejo, agora tendo em vista o que Flusser propõe, na *Fenomenologia do brasileiro*, sobre as peculiaridades da língua portuguesa falada no Brasil, ou — como ele se refere a ela —, simplesmente, da “língua brasileira” (FLUSSER, 1998, p. 154). Como se verá adiante, nessa obra, Flusser retoma elementos de sua “filosofia da língua”, exposta principalmente no livro do momento inicial de sua trajetória, *Língua e realidade*, antecipando também tópicos de sua “filosofia dos media”, da última fase de sua carreira filosófica. Nessa, ele associou o que chamava de “códigos fundantes” da cultura a entes geométricos, os quais, por sua vez, correspondem a momentos específicos da experiência humana desde os seus primórdios.

¹ Numa elaboração posterior, no sentido de desfazer mal-entendidos, palavras associadas ao termo “sobre-representação” foram substituídas por outras, oriundas do neologismo “perrepresentação”. Sobre a proposta original dos “Modos de presença”, ver: Duarte, Rodrigo. *Modos de presença nas manifestações estéticas contemporâneas*. In: Nadja Hermann & Raimundo Rajobac (orgs.) **A questão do estético: Ensaios**. Porto Alegre, EdPUCRS, 2019. Aplicações e desenvolvimentos desse conceito podem ser encontrados em: Duarte, Rodrigo & Rocha, Rízzia (orgs.). **Modos de presença nos fenômenos estéticos**. Belo Horizonte, Relicário, 2023.

Uma descrição detalhada dessa correspondência se encontra, por exemplo, nos dois primeiros capítulos de *O universo das imagens técnicas* (FLUSSER, 2019), denominados, respectivamente, “Abstrair” e “Concretizar”, nos quais o autor pretende mostrar o caminho que vai da criação das imagens tradicionais, correspondendo à pré-história, passando pela escrita (entendida, aqui, como resultado do que Flusser denomina “conceituação”), a qual designa a história propriamente dita, culminando esse processo com a invenção das tecnoimagens, as quais correspondem à “pós-história”.

Inicialmente, o referido caminho é um processo de abstração, uma a uma, das quatro dimensões da nossa vivência da realidade exterior, de acordo com a especificidade de nossas capacidades cognitivas. Desse modo, assim como o tato abstrai o tempo, a visão abstrai uma das dimensões do espaço, e a conceituação, por meio de textos, abstrai mais uma dimensão do espaço, fazendo com que a superfície se transforme numa linha:

A manipulação é o gesto primordial; graças a ele o homem abstrai o tempo do mundo concreto e transforma a si próprio em ente abstraidor, isto é homem propriamente dito. (...) As imagens abstraem, portanto, a profundidade da circunstância e a fixam em planos, transformam a circularidade em cena. A visão é o segundo gesto a abstrair (abstrai a profundidade da circunstância); graças a ele o homem transforma a si próprio em *homo sapiens*, ou seja, um ente que age conforme projeto. (...) Dezenas de milênios se passaram (...) até que tivéssemos aprendido a rasgar o tecido do contexto imaginado e a enfiar os elementos sobre as linhas, a tornar as cenas “contáveis” (nos dois sentidos do termo), a desenrolar e desenvolver as cenas em processos, vale dizer, a escrever textos e a “conceber o imaginado”. Consequentemente, a conceituação é o terceiro gesto abstraidor (abstrai a largura da superfície); graças a ele o homem transforma a si próprio em homem histórico, em ator que concebe o imaginado (FLUSSER, 2008, p. 16)².

Resumindo o exposto até aqui, segundo Flusser, as imagens tradicionais, que, no esquema dos modos de presença (MdPs), correspondem à *apresentação*, constituem um

² Segundo Flusser, o processo de abstração continua avançando, já que as pedrinhas (i.e., *calculus*) que compunham o colar — que ele compara à linearidade da escrita — são “calculáveis”. Tendo em vista esse fato, o autor chama a atenção para o papel central do computador, na sua função de auxiliar na subtração da “linha” unidimensional da conceituação, i.e., dos textos, a sua dimensão restante, originando o ponto (que equivale à pedrinha), enquanto elemento característico do que ele denomina “zero-dimensionalidade”. De acordo com o filósofo, “tornou-se possível descrever o gesto produtor de tecnoimagens”, pela ação “de juntar elementos pontuais para se formarem superfícies: é gesto que parte do abstrato e visa o concreto. Visa avançar da zero-dimensionalidade até a bidimensionalidade, da ‘estrutura profunda’ até a superficialidade” (FLUSSER, 2008, p. 28-9).

código bidimensional, enquanto a escrita, que nos MdPs se associa à *representação*, forma um código unidimensional. De modo análogo, propõe-se que a perpresentação (antes denominada “sobre-representação”) corresponda à “multi-dimensionalidade” no arcabouço conceitual que se pretende construir aqui, uma vez que faz convergir as “dimensionalidades” dos outros modos de presença. No esquema que propomos, a “zero-dimensionalidade” corresponde ao “irrepresentável”, o que introduz uma diferença considerável em relação à colocação de *O universo das imagens técnicas*. Nisso, nosso esquema se distancia do arranjo flusseriano “clássico”, exposto naquela obra, mas não é indefensável, tendo em vista a diferença entre as concepções de Flusser sobre a correspondência entre os códigos e as figuras geométricas em momentos diversos de sua carreira filosófica, interessando-nos, aqui, especialmente a construção expressa na *Fenomenologia do brasileiro*³.

2 O ENFOQUE DA LÍNGUA NA *FENOMENOLOGIA DO BRASILEIRO*

Nesse livro, Flusser volta o seu olhar para as peculiaridades da sociedade e da cultura brasileiras, com a hipótese de que, no Brasil, estavam lançadas as sementes para o surgimento do “novo homem”: na linguagem do filósofo, um ser humano capaz de se esquivar das armadilhas em que o Ocidente “histórico” caiu, preparando-se para um futuro materialmente suficiente e espiritualmente promissor. Os nove capítulos dessa obra enfocam temas como a situação dos imigrantes, o ambiente natural do país, a ânsia dos brasileiros por emular o que consideram as vantagens dos países ocidentais altamente desenvolvidos, o tipo de alienação a que se submetem e sua possível superação, assim

³ Isso é tanto mais admissível quanto se observa, em Flusser, certa indecisão quanto à natureza do tipo de código plano que sucede a escrita, enquanto código linear por excelência. Enquanto em *O universo das imagens técnicas*, o código “zero-dimensional”, correspondendo às tecnoimagens advém, como se viu, da ruptura das linhas que compõem o código unidimensional. No texto “*Adeus ao papel*”, Flusser afirma que o esgarçamento dos fios que compõem o código unidimensional leva ao surgimento de uma trama pluridimensional: “Assim, surgem fios ramificados, que se agrupam e retroagem; e das linhas presas ao papel, que se movimentam numa só direção, forma-se um tecido — a unidimensionalidade da escrita é superada na pluridimensionalidade” (FLUSSER, 1997, p. 64-5). Privilegia-se, aqui, a proposta de “*Adeus ao papel*”, a qual se coaduna melhor com o ponto de vista da *Fenomenologia do brasileiro*, reservando-se a zero-dimensionalidade para uma correspondência ao irrepresentável, de acordo com o que se propõe neste ensaio.

como a miséria material no país e suas possíveis soluções, além da cultura brasileira e, finalmente, a língua portuguesa, tal como praticada no Brasil.

Na introdução do livro, Flusser (1998, p. 34) assume o caráter ensaístico da *Fenomenologia do brasileiro* e se propõe a apresentar um ponto de vista acerca do embate cultural entre o Brasil e os países do que hoje se entende por “norte global”. Ele conclui asseverando que a comunidade europeia e norte-americana estão ligadas, enquanto a comunidade sul-americana está isolada, “foi expulsa da comunhão” (Flusser, 1998, p. 165-6). Por isso, ele afirma que, metaforicamente falando, “o brasileiro é filho recusado da Europa” (*idem.*, p. 164).

O tema da imigração que exerce um papel central não só na *Fenomenologia do brasileiro* como também na autobiografia filosófica de Flusser, *Bodenlos*, é essencial para o desenvolvimento da sua filosofia do exílio (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 12). Esse é um ponto de aproximação entre Flusser e o autor de *Brasil: um país do futuro*. Visto que, Stefan Zweig também foi um imigrante de origem judia, advindo da Europa Central, que viveu no Brasil e dedicou-se a escrever sobre o país que o acolheu.

A condição de imigrante permitiu que Flusser estabelecesse uma série de comparações entre o Brasil e a Europa. Isso faz jus ao título da edição alemã desse livro, (*Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen: Für eine Phänomenologie der Unterentwicklung*), *O Brasil ou a busca do novo homem: por uma fenomenologia do subdesenvolvimento*, se é verdade que, “o subdesenvolvimento só faz sentido como meio de comparação de níveis de desenvolvimento” (RODNEY, 2022, p. 42).

Uma das comparações feitas por Flusser (1998, p.64) é a relação entre os brasileiros e os europeus com seu próprio ambiente natural. Nesse contexto, Flusser (1998, p. 66) delinea uma discussão estética acerca das paisagens do Brasil e problematiza a exploração turística do ambiente natural do país. A problemática do turismo está associada à relação entre o Brasil e os países do Hemisfério Norte, assim como o conceito de “defasagem” introduzido por Flusser. A defasagem pode ser compreendida como um sintoma do suposto “atraso” brasileiro em relação aos países centrais, no tocante ao desenvolvimento social, econômico, cultural e científico, o qual,

no entender da burguesia brasileira deveria ser eliminado por meio da importação de modelos tidos como bem sucedidos no exterior (Cf. DUARTE, 2012, p. 250).

Flusser (1998, p. 97) também compara a situação do proletariado brasileiro com o europeu e o norte-americano, questionando a possibilidade de o marxismo ser ou não aplicável aqui (FLUSSER, 1998, p. 110) e discutindo o problema da pobreza no Brasil. Além disso, Flusser discute aspectos da cultura brasileira. Ele problematiza a cultura de massa, questiona a legitimidade da distinção entre cultura popular e cultura erudita, discute o papel das produções estéticas negras no contexto amplo da cultura brasileira, além de refletir sobre o carnaval e o futebol, considerados fenômenos culturais tipicamente brasileiros.

Em seguida, o capítulo sobre a língua brasileira, que é o capítulo referente ao nosso interesse principal, se inicia com uma reflexão sobre a inserção dos idiomas no ambiente social de seu surgimento, seguida de uma análise sucinta da formação do português europeu, na baixa Idade Média, chamando a atenção para a sua origem românica e a especificidade do seu desenvolvimento ao assimilar ingredientes germânicos e celtas, além dos elementos semitas, tendo em vista a ambientação na Península Ibérica. Flusser chama igualmente a atenção para o que ele considera um caráter arcaizante no português europeu⁴, asseverando que, no seu traslado para o Brasil, novos elementos foram adicionados, os quais engendraram um vernáculo com especificidades muito evidentes, em que os idiomas dos povos originários e dos escravizados trazidos da África contam como imprescindíveis para a formação do que ele chama de “língua brasileira”:

Elementos tupi (e de outras línguas indígenas) e bantu [sic] (e outras línguas africanas) penetram a língua. Embora não exista o mínimo parentesco entre os dois tipos de língua (indígenas e africanas), e quiçá nem sequer entre as línguas indígenas entre si, todas essas línguas têm estrutura inteiramente diversa da indogermânica e semítica, a saber:

⁴ A etnolinguista Yeda Pessoa de Castro, tendo em vista a inexistência na história da língua brasileira de um idioma crioulo, confirma o caráter arcaico do português do período colonial: “Um número considerável de similitudes sintáticas e morfofonológicas casuais, mas notáveis, observadas entre as línguas africanas do grupo banto e o português colonial, também de feição arcaizante, possivelmente inibiu, no curso de séculos de interação permanente e direta, a evolução de um falar crioulo como língua local ou nacional no Brasil, para proporcionar, ao longo do tempo, a continuidade de traços da fonologia e da morfossintaxe do português arcaico na constituição do português brasileiro” (PESSOA DE CASTRO, 2022, p. 239).

aglutinante. A rigor não formam sentenças, mas blocos de palavras aglutinadas por sufixos, prefixos e infixos (FLUSSER, 1998, p. 156)⁵.

3 AS SÍNTESES CULTURAIS SOB O PONTO DE VISTA DA MORFOLOGIA DAS LÍNGUAS

A presença de elementos indígenas e africanos no português falado no Brasil tem a ver com a ideia de síntese, que Flusser mobiliza a fim de destacar a origem heterogênea da sociedade brasileira. E ao fazer isso, ele estabelece uma distinção entre síntese e mistura. Flusser aposta que essa heterogeneidade que constitui o povo brasileiro pode propiciar uma transformação radical na cultura (DUARTE, 2019, p. 21)⁶, considerando que ela é um campo fértil para a criação poética. Em função da potência criativa existente na origem múltipla da língua brasileira, Flusser afirma que “ser poeta no Brasil é praticamente sinônimo de ser poeta verdadeiro” (FLUSSER, 1998, p.146).

Por enfatizar o caráter sintético da cultura brasileira, e em especial, aos africanismos da língua brasileira, a posição de Flusser nos remete ao conceito de “pretuguês” cunhado por Lélia Gonzalez. Ela recorre à psicanálise a fim de argumentar que a maternagem e a função de mãe é exercida no Brasil pelas mulheres pretas. Como a história indica, as mulheres brancas delegam as tarefas domésticas, incluindo o cuidado de seus filhos, às mulheres racializadas. E, ao exercer a função materna, as mulheres pretas passam os valores que lhe dizem respeito para as crianças brasileiras (GONZALEZ, 1984, p. 235). Muito próxima da proposta da Lélia Gonzalez está a colocação da Yeda Pessoa de Castro (2022, p. 139):

Na função da mãe preta e de babá (*kimb baba*, cuidadora), ela amamentou e criou seus filhos brasileiros ou não do colonizador

⁵ Yeda Pessoa de Castro confirma a interferência das línguas africanas e indígenas na formação da “língua brasileira” na seguinte colocação: “Podemos supor que a necessidade de comunicação entre falantes diferenciados naquelas jornadas deve ter provocado a emergência de uma língua franca, que alcançou as zonas de plantações, garimpos e quilombos, um linguajar do português arcaico e do português popular reestruturado por *africanias*, provavelmente de base banto, enriquecidos por aportes de línguas indígenas, voltados para a flora e a fauna brasileiras” (PESSOA DE CASTRO, 2022, p. 270) No que tange ao caráter aglutinante das línguas indígenas brasileiras, Wolf Dietrich chama a atenção para esse traço nas línguas do grupo tupi-guarani: “O tipo aglutinante das línguas tupis-guaranis em geral se vê não só no grande número de sufixos e prefixos nominais e verbais, mas também na faculdade de construir os falantes sintagmas complexos impressionantes, combinando vários sufixos numa ordem bem estabelecida (NOLL, DIETRICH, 2024, p. 19).

⁶ Sobre a distinção entre “síntese e mistura”, v. Flusser (1998, p. 51 et seq.).

européu e, à maneira de pedagoga, os ensinou a balbuciar as primeiras palavras, também na sua língua nativa, no embalo do seu canto de acalanto, que os fazia, de pronto, dormir, temerosos dos apavorantes (*Kimb.*) tutus, cururus à espreita nos telhados.

Voltando a falar do ponto de vista da morfologia, nesse cotejo do português europeu com o brasileiro é fundamental o fato de que aquele é de origem tipicamente indo-européia (que Flusser preferiria denominar “indogermânica”), apresentando uma estrutura claramente discursiva, na qual um predicado é atribuído a um sujeito, num arranjo evidentemente linear. Vale o registro de que, como já se assinalou, Flusser adota, nesse particular, a morfologia dos idiomas, proposta por August von Schlegel, em 1818, e reformulada posteriormente por August Schleicher, também no século XIX, segundo a qual as línguas podem ser “flexionais”, “isolantes” ou “aglutinantes” (Cf. PETTER, 2014, p. 60)⁷. Essa classificação é amplamente acolhida e discutida na primeira obra publicada de Flusser, *Língua e realidade* (Cf. FLUSSER, 2004, p. 61-67)⁸.

Por outro lado, os idiomas não ocidentais que se introduziram no português brasileiro ao longo de séculos de colonização, enquanto línguas aglutinantes, têm uma estrutura não-discursiva, que, se não puder ser denominada simplesmente “plana”, poderia talvez ser classificada como “bidimensional”, evocando uma dimensão imagética, como se verá adiante.

⁷ Sobre essa classificação, a autora declara: "Embora hoje essa tipologia seja reconhecida como tendo um caráter meramente descritivo, pois não há nenhuma 'vantagem' linguística em apresentar morfologia flexional ou 'desvantagem' em ter morfologia predominantemente isolante, essa classificação, por influência de Schleicher, foi interpretada por muito tempo como tendo o valor de uma escala hierárquico-evolutiva, que teria, na base, as línguas isolantes – africanas, indígenas e asiáticas; no topo estariam as línguas flexionais, 'mais evoluídas' – as línguas da família indo-europeia" (*ibidem*, p. 61). Também Emilio Bonvini (2023, p. 22) expressa ponto de vista semelhante, ao afirmar: "Esses tipos [isolantes, aglutinantes e flexionais/rd] refletiriam três estágios evolutivos das línguas e das famílias de línguas, sendo o último o mais elevado, o que a pesquisa ulterior desmentiu e também condenou". Evidentemente, Flusser não adere a essa classificação como sendo hierárquica, até mesmo apontando para os impasses socioculturais e políticos associados às línguas flexionais, como pode-se depreender da argumentação introduzida neste ensaio.

⁸ Na página 221, há uma tabela intitulada “Mapa das línguas”, na qual essa divisão é muito bem explicada.

4 PROJEÇÃO À FILOSOFIA DOS MEDIA A PARTIR DA ANÁLISE DA "LÍNGUA BRASILEIRA"

A filosofia dos *media* de Flusser, desenvolvida alguns anos após a redação da *Fenomenologia do brasileiro*, principalmente na obra *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*, também traz elementos para pensar essa questão. Nesse livro, ele estabelece três eixos de análise: a sociedade agropecuária, a sociedade industrial e a sociedade pós-industrial. A sociedade agropecuária é aquela que tem as imagens convencionais como meio de comunicação dominante e por esse motivo, corresponde à “pré-história”. Entendendo que essa terminologia está praticamente em desuso, é importante esclarecer que Flusser não a emprega no sentido corrente, mas sim num sentido próprio: segundo a sua definição, a pré-história é especificamente o período que se caracteriza pelo “domínio de imagens, ausência de textos” (FLUSSER, 1985, p. 5). Ou seja, a pré-história corresponde ao período anterior à invenção da escrita alfabética *stricto sensu*.

A sociedade industrial, por seu turno, caracteriza-se pela consolidação da tradução em textos das informações que anteriormente eram transmitidas via imagens. Tradução, nesse sentido, refere-se à mudança de um código para outro, ou seja, o salto de um universo ao outro (FLUSSER, 1985, p. 6). A sociedade industrial, tendo a consolidação da escrita como código fundante, corresponde à história, já que, com o aparecimento dela, no Oriente Médio, no terceiro milênio a.C., a história se inicia (FLUSSER, 2011, p. 116). No entanto, para Flusser o Ocidente é tomado como a única cultura histórica no sentido estrito (*ibidem*). A correspondência entre história e escrita, conforme já dito, é recorrente na tradição filosófica. A história também é entendida como a orientação por uma noção de progresso (DUARTE, 2012, p. 228), que está ligada a uma expectativa com relação ao futuro (FLUSSER, 2011, p. 137).

Por último, a sociedade pós-industrial principia quando as informações que anteriormente eram transmitidas por textos passam a ser transmitidas por meio de imagens técnicas. Em função disso, Flusser (1985, p. 27) afirma que a fotografia é o primeiro objeto pós-industrial. A sociedade pós-industrial corresponde então, à situação pós-histórica, uma vez que, na pós-história, “são as imagens e não mais os textos que são os *media* dominantes” (FLUSSER, 2011, p. 114). Em outras palavras, a pós-história é o

processo que "retraduz" textos em imagens (FLUSSER, 1985, p. 5). No entanto, é importante esclarecer que imagem técnica e a imagem pictórica estão em posições históricas e ontológicas distintas. Nas palavras de Flusser (1985, p. 5): “Historicamente, as imagens tradicionais são pré-históricas; as imagens técnicas são pós-históricas. Ontologicamente, as imagens tradicionais imaginam o mundo; as imagens técnicas imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo.”

Na *Fenomenologia do brasileiro*, Flusser antecipa esse esquema (pré-história, história e pós-história), referente, antes de tudo, às sociedades ocidentais, e estabelecido por ele na sua filosofia dos *media*⁹, ao salientar que a estrutura discursiva dos idiomas indogermânicos tem a ver diretamente com o fato de o Ocidente ser um território onde a *história*, num sentido substantivo, se desenvolveu, o que, segundo ele, a partir de um certo ponto passou a ser um problema, um impasse nas sociedades hiperdesenvolvidas do mundo capitalista:

Discursividade é propriedade das línguas indogermânicas e semíticas, e diz que tais línguas alinham sentenças linearmente, tanto as faladas quanto as escritas. (...) A consequência é que o universo de tais línguas é composto de situações organizadas linearmente, e é isto que se pretende por ‘historicidade’. O habitante de tal universo é o ‘homem unidimensional’, e ele está se tornando problema na atualidade (FLUSSER, 1998, p. 158).

5 EXCURSO SOBRE A "UNIDIMENSIONALIDADE" SEGUNDO FLUSSER E MARCUSE

Vale o registro de que o “homem unidimensional”, a que se refere Flusser, é um conceito (e também título de um livro) de Herbert Marcuse, no qual o filósofo alemão discute a alienação específica das sociedades capitalistas altamente industrializadas e “afluentes”. Flusser não cita explicitamente Marcuse nessa passagem, mas, certamente é o seu pensamento que ele tem em mente quando menciona a “unidimensionalidade”, que, no caso específico da sua filosofia, se expressa também na linearidade dos idiomas dos

⁹ Para uma abordagem completa dos tópicos principais da filosofia dos *media* flusseriana, aconselha-se a leitura, dentre outros, de *Pós-história. Vinte instantâneos e um modo de usar* (São Paulo, Duas Cidades, 1983) e *O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade* (São Paulo, Annablume, 2008).

países “históricos”¹⁰. Nesse sentido, pode-se estabelecer uma vinculação entre o que Marcuse entende por "Sociedade industrial avançada" e o que Flusser denomina "pós-história", ainda que, nesse caso, predominem as "tecnoimagens", cuja bidimensionalidade de "segundo grau" apresenta uma acentuada ambiguidade: ao mesmo tempo em que o Flusser "tardio" reconhecerá que elas sejam o principal fator de programação das massas na situação pós-histórica, ele vislumbra possibilidades inéditas de criação pelo uso dos novos *media* tecnológicos (FLUSSER, 2008, p.141). Cumpre observar, no entanto, que, à época de redação da *Fenomenologia do brasileiro*, Flusser ainda não tinha proposto o conceito de tecnoimagens, de modo que, tanto para ele quanto para Marcuse, sob diferentes pontos de vista, a bidimensionalidade das imagens tradicionais – da arte, por exemplo – pode ser adotada como um importante contrapeso para os males da unidimensionalidade imperante na situação contemporânea.

A proximidade dessa argumentação de Flusser ao ponto de vista marcuseano sobre a unidimensionalidade fica ainda mais evidente quando ele indica que uma fonte indiscutível de alienação se encontra nas ciências naturais contemporâneas. Com a diferença, entretanto, de que, para Marcuse, elas não abandonam o âmbito da unidimensionalidade, enquanto que, segundo Flusser, se valem de linguagens pluridimensionais oriundas da matemática moderna, sendo que nesse caso, a alienação não se encontra no fato de que as tecnologias oriundas das ciências naturais são em si mesmas opressivas, mas principalmente que as realidades significadas por essas não são acessíveis ao mundo da vida¹¹. No que concerne à possibilidade de superação da unidimensionalidade pelo âmbito da arte, correspondendo ao que, na obra posterior de Flusser, veio a ser a potencialidade da atividade criativa para colapsar os aparelhos, constata-se que os momentos em que ele trabalha mais detalhadamente essa ideia na

¹⁰ A esse respeito ver: DUARTE, Rodrigo. *Marcuse, Flusser e os significados da unidimensionalidade*. ARTEFILOSOFIA, v. 10 n. 18 (2015): 185-197. A obra do filósofo alemão a que se refere tacitamente Flusser é: *One-Dimensional Man. Studies in the Ideology of Advanced Industrial Societies* (Boston, Beacon Press, 1964).

¹¹ A esse respeito, Flusser declara: "Um aspecto formal do problema é: a linearidade de tais línguas é "aritmética" (...), mas permite desenvolvimento formal em mais dimensões (por exemplo, na forma das equações de grau variado). (...) Em outras palavras: se as línguas transformam com sua estrutura o ambiente em mundo vital, a Física e outras ciências da natureza comunicam algo do ambiente que não faz parte do mundo vital do homem unidimensional e, embora possa ser pesado, não pode ser vivenciado imediatamente. O resultado é que o homem unidimensional, embora condicionado pela ciência e suas consequências, participa delas vivencialmente, e é coisificado" (FLUSSER, 1998, p. 158).

Fenomenologia do brasileiro, usando a mesma nomenclatura consagrada por Marcuse, dizem respeito à cultura brasileira, com destaque para a língua, como se verá a seguir.

6 A "PLANURA" DOS IDIOMAS "NATIVOS" INTERFERENTES NA "LÍNGUA BRASILEIRA"

No que diz respeito aos idiomas aglutinantes, mencionados por Flusser, o tupi e o banto, ele chama a atenção para a sua não-linearidade, que, do nosso ponto de vista, poderia ser entendida como uma espécie de "planura". Essa característica dos supramencionados idiomas majoritariamente não-ocidentais, excetuando-se o fato de serem línguas sem escrita¹², pode ser comparada à de idiomas asiáticos – antes isolantes do que aglutinantes – que, em sua versão escrita, a qual se vale de ideogramas, se apoia numa forma de bidimensionalidade que evoca aquela das imagens tradicionais. Sobre isso, Flusser declara:

A discursividade linear não é propriedade de todas as línguas. Não tem sentido falar-se em linearidade do tupi, do bantu [sic], nem, a rigor, da língua japonesa. O universo de tais línguas não consiste em situações organizadas linear e historicamente, mas situações organizadas de outra maneira. Acrescente-se que nas línguas orientais é preciso distinguir entre fala e escrita, e a escrita tem nitidamente duas dimensões, como os retângulos dos ideogramas. Em tais universos, o homem unidimensional não existe (FLUSSER, 1998, p.159).

Numa alusão à tônica de todo o livro *Fenomenologia do brasileiro*, Flusser afirma que, também na formação do português brasileiro, há o indício de que uma nova humanidade pode advir do desenvolvimento típico do Brasil, tendo em vista as suas especificidades socioculturais. A quebra com a linearidade do português europeu

¹² Quanto à ausência de escrita nos idiomas africanos que interferiram para formar a "língua brasileira", Yeda Pessoa de Castro (2022, p. 243) observa: "Faltou considerar que os povos ditos ágrafos, como os negro-africanos, desenvolveram um tipo de comunicação escrita através de desenhos, da pintura, da música, das tatuagens, muito antes de as línguas românicas serem alfabetizadas ao adotarem a ortografia do alfabeto latino de origem grega". Além disso, há uma exceção digna de nota: Emílio Bonvini (2023, p. 48) aponta para o fato de que o Yorubá, desde o século XIX, é também uma língua dotada de escrita: "Nina Rodrigues fala de 'uma certa feição literária'. A propósito disso, convém notar que o iorubá foi umas das primeiras línguas da África Ocidental a conhecer uma tradição escrita, graças a diferentes trabalhos linguísticos, notadamente os clássicos de Samuel Ajayi Crowther sobre o vocabulário (1843) e a gramática (1852)".

enquanto tipicamente “indogermânico”, em virtude da inoculação de elementos aglutinantes do tupi e do banto, significa, para Flusser, compreender esse fato sob o ponto de vista da “língua brasileira”: “No momento, restringe-se a observação a um único aspecto da modificação da língua no Brasil, o aspecto da ruptura da unidimensionalidade” (*ibidem*).

7 NÃO SE TRATA DE DEFASAGEM, MAS DE PROCESSO "ENDÓGENO"

O pensamento ocidental, em sua tentativa de romper a unidimensionalidade, recorreu aos *porte-manteaux* sugeridos pelo grego e alemão (*Donaudampfschiffahrtgesellschaft, kallokatathia*), e aos ideogramas japoneses (em Ezra Pound, por exemplo). A burguesia brasileira, alienada e voltada para o Ocidente, tomava conhecimento desses esforços. Pois repentinamente descobria que, para buscar *porte-manteaux* não precisava viajar até a Grécia, e para buscar ideogramas não precisava viajar até Pound, mas que, em ambos os casos, bastava tomar um ônibus municipal de São Paulo (FLUSSER, 1998, p.160).

Não se sabe ao certo se com a menção ao “ônibus municipal de São Paulo”, Flusser se refere ao fato de que, no período em que ele viveu na cidade, já havia multidões de imigrantes de todas as partes do mundo, sendo, ele próprio, um deles. Dentre os países de origem desses estrangeiros se encontravam também pessoas advindas da Ásia (principalmente do Japão e da China). Se não se considera a presença de ideogramas, mas apenas a supramencionada “planura” outra possibilidade seria o fato de que, no próprio município de São Paulo (ou muito próximo dele) ainda seria possível de se encontrar aldeias indígenas, o que, aliás, permanece acontecendo até o presente¹³. O mesmo se poderia dizer de comunidades quilombolas, nas quais elementos tradicionais da cultura dos antigos escravizados de origem africana — inclusive a sua língua, provavelmente de

¹³ Ver, por exemplo, a matéria: “Verdade: existem aldeias indígenas na cidade de São Paulo. Comunidades de origem guarani estão concentradas em Parelheiros e no Jaraguá, ocupando ainda trecho de Osasco”. **MONITOR7**, 18/08/2022. Disponível em: https://monitor7.r7.com/verdade-existem-aldeias-indigenas-na-cidade-de-sao-paulo-18082022?utm_source=link_direto&utm_medium=share-bar&utm_campaign=r7-topo (acesso em 21/02/24).

origem banta — são parcialmente preservados¹⁴. Se se considera apenas a presença de elementos imagéticos na escrita, Flusser poderia também estar se referindo aos poetas concretistas, no seu reduto daquela época, no bairro de Perdizes, os quais Flusser conheceu pessoalmente. Além dessas possibilidades, Flusser poderia se referir às massas de migrantes oriundos dos rincões do Brasil, onde os amálgamas de elementos afrodescendentes, ameríndios e ibéricos já vinham se realizando havia muito tempo¹⁵.

8 A-HISTORICIDADE, ANALFABETISMO E AS TENDÊNCIAS À SUPERACÃO DA HISTÓRIA

Levando-se em conta que, quando Flusser escreveu a *Fenomenologia do brasileiro* a taxa de analfabetismo no Brasil era muito superior à de hoje e que, por outro lado, os *media* da cultura de massas se consolidavam com muita virulência naquele momento, o filósofo leva em consideração a facilidade com que a língua pode ser modificada por aqueles: “Os exemplos podem ser multiplicados, mas o curioso é que o semi-analfabetismo da sociedade facilita enormemente estes processos” (FLUSSER, 1998, p.160). No entanto, a ideia do analfabetismo enquanto facilitador de uma revolução na língua precisa ser matizada para que ela não recaia em uma espécie de "romantização da miséria", considerando que o analfabetismo é também um índice de pobreza.

Então, uma outra forma de fazer essa afirmação de Flusser seria dizer que a presença de etnias não europeias na formação do povo brasileiro, cuja relação com a memória não perpassa necessariamente a escrita, é facilitadora de inovações na linguagem. Em todo caso, vale dizer que o tom elogioso referente a algo que

¹⁴ Ver, por exemplo, a matéria: "SP tem 51 quilombos, sendo que 34 deles aguardam regularização fundiária pelo estado e União". Por Vivian Reis, **G1 SP**, 18/11/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/11/18/sp-tem-51-quilombos-sendo-que-34-deles-aguardam-regularizacao-fundiaria-pelo-estado-e-uniao.ghtml> (acesso em 21/02/24). Numa asserção mais científica, Emílio Bonvini (2023, p. 48) se refere às chamadas "línguas secretas", "utilizadas pelas populações negras isoladas, constituídas geralmente de descendentes de antigos escravos e, às vezes de antigos quilombolas. (...) Até agora, no entanto, apenas duas dentre elas foram estudadas e são, por isso, mais conhecidas: a de Tabatinga (Queiroz, 1998) (...) e a do Cafundó (Vogt e Fry, 1996), comunidade rural negra situada em Salto de Pirapora, a 150 km de São Paulo".

¹⁵ Yeda Pessoa de Castro denomina "Dialeto caipira" esse idioma falado principalmente no interior do Brasil (especialmente no estado de São Paulo), em cuja formação, a partir do século XVIII, elementos do tupi e do banto se amalgamaram ao português arcaico trazido pelos colonizadores (cf. *Camões com Dendê. O português do Brasil e os falares afro-brasileiros*, op. cit., p. 146 e p. 270).

consensualmente é tido como negativo, ou seja, uma espécie de "inversão do senso comum", é um artifício retórico típico de Flusser. Isso se faz notar não só a partir dessa abordagem do analfabetismo como também a partir de outras afirmações potencialmente polêmicas, tais como, abordando os impasses do superdesenvolvimento de algumas regiões do hemisfério norte: "Nós, no Brasil, estamos, nesse sentido, em situação privilegiada. Somos 'subdesenvolvidos'" (FLUSSER, 2002, p. 89).

Outro tópico interessante, conexo à tendência de os países "históricos" buscarem alternativas à sua unidimensionalidade, expressa segundo Flusser, nos seus próprios idiomas, é o fato de que, no Brasil, dada a interferência "bidimensional" das línguas não-ocidentais que coproduziram a língua portuguesa falada no país, essa alternativa é, por assim dizer, "autóctone", não se tratando, nesse caso, de um exemplo de "defasagem":

Pode parecer, à primeira vista, que tendências paralelas às aqui enumeradas ocorrem nos Estados Unidos e na Europa, e que tudo isto portanto não passa de defasagem. Seria um erro. Nos países históricos trata-se de tentativa deliberada de romper a linearidade do discurso, mais um sintoma da crise da história mencionada ao longo deste ensaio. E no Brasil trata-se da tentativa de descobrir a própria identidade, que é identidade não histórica, portanto não linear, e não discursiva. A prova da diferença é pragmática: as tentativas ocidentais começam a tomar as brasileiras por modelo (FLUSSER, 1998, p. 160).

Essa última frase aponta para a ideia de que tendências que se encontram em curso no Brasil possam contribuir positivamente para a humanidade como um todo. E exatamente por tudo que foi introduzido neste ensaio, pode-se dizer que a língua majoritariamente falada no Brasil é, para Flusser, mais um indício da possibilidade de que, a partir desse país, emerja um novo ser humano — melhor do que o que tem existido até aqui:

A revolução linguística brasileira atesta, no seu aspecto mais profundo, o surgir do novo homem, a saber, de um homem não-histórico (multidimensional), para o qual a história (o discurso) não passa de uma das dimensões nas quais pensa e vive — portanto, um Homem que sintetiza história e não história em síntese que não é tese de um processo seguinte (FLUSSER, 1998, p. 161).

9 A LÍNGUA BRASILEIRA E A ANTROPOFAGIA

Tendo em vista sua preconização de uma síntese profícua entre elementos exógenos (história) e autóctones ("não-história"), objetivando um resultado emancipatório, o posicionamento de Flusser tem sido aproximado da proposta da antropofagia de Oswald de Andrade, segundo a qual os conteúdos estrangeiros (especialmente os ocidentais) devem ser deglutidos – tal como os indígenas faziam com os seus inimigos, inclusive com os exploradores europeus, no intuito de que as suas qualidades fossem adquiridas por meio dessa ingestão (DUARTE, 2024, p. 103) – e amalgamados aos elementos já reconhecidos como brasileiros, no intuito de produzir uma cultura absolutamente nova e libertadora. Um exemplo dessa posição é dado por Rainer Guldin:

Flusser introduz (...) a metáfora do ato de devorar; ele a deve ao movimento da antropofagia iniciado pelo escritor brasileiro Oswald de Andrade, que publicou um "Manifesto Antropófago" no primeiro número da sua *Revista de Antropofagia*, em maio de 1928. Oswald usou o canibalismo como uma imagem armada, visando substituir a imagem do índio passivo e submisso pela do canibal agressivo e rebelde. Seu objetivo foi superar a subserviência cultural do país, revertendo a postura historicamente imitativa da literatura brasileira e o fluxo unidirecional de influência artística (GULDIN, 2008, p. 65)¹⁶.

Não é à toa que Guldin estabelece a conexão de Flusser com a antropofagia a partir do "ato de devorar", pois o próprio Oswald de Andrade demonstrou muitas vezes grande apreço por esse procedimento, que, segundo os seus biógrafos, era também uma orientação prática em sua vida¹⁷. Exemplo bem-humorado de um uso desse termo se encontra no relato de Antonio Cândido, segundo o qual Oswald de Andrade, numa conversa pessoal, teria declarado: “Em nossa era de devoração universal o problema não é ontológico, é odontológico” (CANDIDO, 2021, p. 1177). Essa ideia de "devoração universal" aparece – antropofagicamente – como uma metáfora flusseriana, por exemplo,

¹⁶ Em conexão com a *Fenomenologia do brasileiro*, ver DUARTE, Rodrigo. *Antropofagia e busca do 'novo homem': sobre a peculiaridade do Brasil em Oswald de Andrade e Vilém Flusser*. **Revista Ideação**, N. 49, Janeiro/Junho 2024: p. 101-120.

¹⁷ V., p. ex., ANDRADE, R. K, *A arte de devorar o mundo. aventuras gastronômicas de Oswald de Andrade*. São Paulo, Ed. do Autor, 2021.

no capítulo "A gula", da *História do diabo*, no qual o autor afirma que: "'compreender' significa incorporar aquilo que se compreende. A realidade, a vida o é somente, se for por nós incorporada. É preciso devorar, engolir e digerir a vida, para que essa mera virtualidade das nossas mentes se torne realidade" (FLUSSER, 2012, p. 121)¹⁸.

No que tange especificamente ao vernáculo brasileiro, a relação da supramencionada síntese com a proposta da Antropofagia, de Oswald de Andrade — autor, aliás, elogiado pelo próprio Flusser¹⁹ — é muito evidente. Não sem razão, Caetano Galindo, no seu excelente *Latim em pó. Um passeio pela formação do nosso português*, ao evocar a decisiva interferência das línguas africanas no nosso idioma, refere-se a esse como fruto de uma operação associada à antropofagia:

Ou seja, se pensarmos nas línguas africanas, especialmente nas línguas bantas, como uma espécie de superestrato, de camada linguística que absorve e transforma a língua dominante do espaço em que se instala, e não como mero ingrediente do nosso cozido antropofágico, começamos a ver possibilidades muito maiores de entender como elas podem ter agido sobre a nossa língua (GALINDO, 2022, p.175-6).

A referência à língua brasileira como um "cozido antropofágico" dá uma pista certa sobre o nosso idioma como síntese, no sentido flusseriano do termo. Mas o aprofundamento nesse tópico terá que ficar para uma outra oportunidade.

¹⁸ Numa outra versão do mesmo texto, presente no catálogo da Bienal de São Paulo de 1998, conhecida como "Bienal da Antropofagia" por ser fortemente inspirada na ideia oswaldiana, Flusser afirma que o ser humano, "Devora tudo. Devora a superfície e as entranhas da terra. Devora, psicologicamente, as suas próprias entranhas. Devora, Hegelianamente, o seu próprio passado. Devora, pela ciência, o seu próprio futuro. Devora, pelo espírito, não somente tudo que é, mas ainda tudo que é possível. Quanto mais devora, tanto mais e mais depressa precisa devorar. Esse devorar insaciável e geometricamente acelerado é chamado de progresso" (*Catálogo da exposição: XXIV Bienal de São Paulo : arte contemporânea brasileira*. Um e/entre outro/s / Curadores Paulo Herkenhoff. Adriano Pedrosa São Paulo: A Fundação, 1998, p. 157. Disponível em: <https://issuu.com/bienal/docs/name423574> Acesso em: 10/10/2024.

¹⁹ Trata-se de um texto de apresentação da filosofia brasileira, redigido em alemão, intitulado "Brasilianische philosophie" (In: *Staden-Jahrbuch. Beiträge zur Brasilkunde und zum brasilianisch-deutschen Kultur- und Wirtschaftsaustausch*, editado por Carlos Fouquet & Rudolf Lanz, São Paulo, Instituto Hans Staden, 1970). Flusser não chama pelo nome, aqui ou alhures, a principal proposta filosófica de Oswald de Andrade, a saber, a "antropofagia", mas muito do que ele aborda na *Fenomenologia do brasileiro* se encontra no espírito do que propõe essa corrente. Um exemplo: "Esta circunstância não obriga que a essência brasileira deva fechar-se à influência histórica para conservar-se. Muito pelo contrário, afirma que é da essência brasileira abrir-se para tal influência, não para copiá-la, mas para assimilá-la" (FLUSSER, 1998, p. 84).

CONCLUSÃO

Ao lado da análise sobre a possibilidade de aproximação entre os MdPs e a proposta de Vilém Flusser, na *Fenomenologia do brasileiro*, sobre a língua brasileira, apresentamos neste ensaio também algumas articulações essenciais dessa obra menos conhecida do filósofo tcheco-brasileiro, relacionando-a outrossim com outros tópicos relevantes do seu pensamento, notadamente a sua festejada "filosofia dos *media*". Além disso, constatamos, com o auxílio de aportes de etnolinguístas, que as intuições de Flusser sobre a interferência dos idiomas indígenas e africanos no português europeu, a qual gerou a língua brasileira, são corretas. Não seria equivocada dizer que, nesse sentido, o respaldo da etnolinguística acaba por conferir ao que Flusser propôs maior densidade filosófica, mesmo que ele o tenha feito sem a apresentação de uma comprovação científica cabal.

No que tange à relação da análise de Flusser sobre a língua falada no Brasil com os MdPs, reafirmamos o parentesco do modo representativo com a unidimensionalidade dos idiomas flexionais indo-europeus, assim como a proximidade do modo apresentativo com a potencial bidimensionalidade das línguas aglutinantes não-ocidentais (especialmente o tupi, do lado indígena, e o banto, do lado africano) que se infiltraram no português trazido pelo colonizador europeu.

Verificamos igualmente que a hipótese de aproximação entre o modo da perpresentação e o que Flusser denomina "multidimensionalidade" dos idiomas não ocidentais também é plausível, considerando o que é proposto na *Fenomenologia do brasileiro*. Essa limitação faz sentido, porque, em obras como *O universo das imagens técnicas*, o que entendemos como perpresentação é vinculado à "zero-dimensionalidade", sendo que, no esquema dos modos de presença, essa é reservada ao que nele denominamos o irrepresentável (ou o neologismo "irrepresentação").

Finalmente, registra-se, a título de inspiração para trabalhos futuros, o fato de que também a concepção de Flusser sobre a língua brasileira – ao lado de outros tópicos relevantes de seu pensamento – possui uma conexão notável com a antropofagia de Oswald de Andrade, especialmente em sua modalidade mais filosófica, correspondendo à última fase da obra do intelectual paulistano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Thiago Borges de. *Sobre princípios, meios e fins: Flusser e os modos de presença*. ARTEFILOSOFIA, Nº 31, jan-dez de 2022, p. 77-96. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/4829> Acesso em: 17/02/2025.

BONVINI, Emílio. *Línguas africanas e o português falado no Brasil*. In: José Luiz Fiorin e Margarida Petter (orgs.). **África no Brasil. A formação da língua portuguesa**. São Paulo, Editora Contexto, 2023.

CANDIDO, Antonio. "*Digressão Sentimental sobre Oswald de Andrade*". In: **Oswald de Andrade: Obras incompletas**. São Paulo: Edusp, 2021.

DUARTE, Rodrigo. *A antropofagia e a "busca do novo homem": Sobre a peculiaridade do Brasil em Oswald de Andrade e Vilém Flusser*. Feira de Santana: **Revista Ideação**, n.9, p. 101-120, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/11118> Acesso em: 17/02/2025.

_____. *O impacto da experiência brasileira na filosofia dos media de Vilém Flusser*. **Revista de Hispanismo Filosófico**, n. 24, p. 15-32, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/38924>. Acesso em: 17/02/2025.

_____. **Pós-História de Vilém Flusser: gênese-anatomia-desdobramentos**. São Paulo: Annablume, 2012.

FLUSSER, Vilém. **A história do diabo**. São Paulo: Annablume, 2012.

_____. *Do funcionário*. In: **Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade**. São Paulo: Escrituras, 2002.

_____. **Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

_____. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

_____. *Hinweg von Papier*. In: **Medienkultur**. Frankfurt: Fischer Verlag, 1997.

_____. **Língua e realidade**. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **Pós história: Vinte instantâneos e um modo de usar**. São Paulo: Annablume, 2011.

GALINDO, Caetano. **Latim em pó. Um passeio pela formação do nosso português**. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 223-244, 1984.

NOLL, Volker. DIETRICH, Wolf. "*O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico*". In: **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo, Editora Contexto, 2024.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. **Camões com dendê. O português do Brasil e os falares afro-brasileiros.** Rio de Janeiro, Topbooks Editora, 2022.

PETTER, Margarida M.T. "*Morfologia*". In: José Luiz Fiorin (org.). **Introdução à Linguística. Vol. II. Princípios de análise.** São Paulo, Editora Contexto, 2014.

RODNEY, Walter. **Como a Europa subdesenvolveu a África.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2022.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Vilém Flusser: filosofia do exílio e leitura de um país chamado Brasil.* **Tradução em Revista**, v. 2, p. 01-19, 2010.

ANEXO: DIAGRAMA INDICATIVO DA RELAÇÃO ENTRE OS "MODOS DE PRESENÇA" E O PONTO DE VISTA FLUSSERIANO SOBRE A "LÍNGUA BRASILEIRA"

